

PKS

PUBLIC
KNOWLEDGE
PROJECT

REVISTA ENSINO DE GEOGRAFIA

(RECIFE)

<http://www.revista.ufpe.br/ensinodegeografia>

OJS

OPEN
JOURNAL
SYSTEMS

EXIBIÇÃO DE FILMES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Willian Magalhães de Alcântara

Professor de Geografia do Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT)

willian.alcantara@pdl.ifmt.edu.br

Lívia Maschio Fioravanti

Professora do Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT)

livia.fioravanti@pdl.ifmt.edu.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever o planejamento e a realização, bem como apresentar os resultados de uma experiência pedagógica que consistiu na exibição semanal de filmes como um recurso didático-pedagógico complementar para o aprendizado de Geografia no ensino médio. A experiência resultou de um projeto de extensão oferecido pelo *campus Primavera do Leste* do Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT). Um grupo de 20 pessoas (estudantes de ensino médio do IFMT e professores de Geografia de escolas públicas da cidade de Primavera do Leste) participou das exibições e dos debates, nos quais o conteúdo de cada filme era examinado. Os filmes eram antigos (Tempos Modernos) e recentes (O Jardineiro Fiel), nacionais (Tropa de Elite) e internacionais (Coisas Belas e Sujas), com enredos mais simples (Nação *Fast Food*) ou mais complexos (Doutor Fantástico), com uma ampla temática, como conflitos globais (O Senhor das Armas), geopolítica da América Latina (Machuca), guerra fria (Rambo III) e problemas urbanos (Zona do Crime). Os debates e os questionários de avaliação indicaram que os participantes apreciaram as 17 exibições e compreenderam as principais mensagens dos filmes, bem como as relações com as aulas de Geografia. A estratégia mostrou-se eficaz na combinação de educação com entretenimento.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Exibição de filmes, Recursos Didático-Pedagógicos.

MOVIE SCREENING TO TEACH GEOGRAPHY: REPORT OF AN EXPERIENCE

ABSTRACT: This paper aims to describe the planning and accomplishment, as well as to present the results of a pedagogical experience consisting of weekly movie screening and debates as a complementary didactic-pedagogical resource to teach Geography in high school. The experiment resulted from an extension project offered by the *campus Primavera do Leste* of the Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT). A group of 20 people (students from the IFMT and teachers from public schools in Primavera do Leste town) attended the movie screenings and the following debates, in which the movie content was examined. The movies were both old (Modern Times) and recent (The Constant Gardener), local (Elite Squad) and international ones (Dirty Pretty Things), simpler (Fast Food Nation) or more complex (Dr.

Strangelove or: How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb), with a broad thematic, such as global conflicts (Lord of War), America Latina geopolitics (Machuca), cold war (Rambo III) and urban dilemmas (La Zona). The debates and evaluation questionnaires indicated that the participants appreciated the 17 movie screenings and understood the films main messages, as well as the relationships with the Geography classes. The strategy proved to be effective at combining education with entertainment.

Keywords: Geography Teaching, Movie Screening, Didactic-Pedagogical Resources.

INTRODUÇÃO

Nenhuma disciplina pode ter como metodologia de ensino-aprendizagem a simples memorização de dados. As ciências são dinâmicas e não podem ser compreendidas como algo separado de nossa vivência diária. Não é diferente com a Geografia: faz-se necessário que seu aprendizado seja dotado de significado para a vida; que os conhecimentos sejam apreendidos em sua indissociabilidade com a existência de cada um e com a de todos em conjunto vivendo em sociedade. O conhecimento geográfico não é uma simples informação impressa num pedaço de papel e recitada por um professor em uma sala de aula. Ele é a própria vida em movimento e a chave para a compreensão do futuro. É nesse sentido que novas estratégias e recursos devem ser utilizados para revelar aos estudantes esse caráter dinâmico e existencial da Geografia. É preciso superar uma abordagem restrita à teoria e alcançar a compreensão de que vivemos indissociavelmente dos conhecimentos geográficos, ainda que nem sempre nos demos conta disso. Na busca por essa compreensão ampliada, o professor pode recorrer a diferentes meios: trabalhos de campo, cartografia, análise de fotografias, músicas, textos de jornais e revistas, entre outros.

Com o rápido avanço das técnicas das telecomunicações nos anos recentes, o recurso ao registro de dados e informações em meios audiovisuais tornou-se algo cada vez mais corriqueiro. Assim é que, com o aumento do número de emissoras de TV aberta, o incremento no acesso à TV por assinatura e o maior acesso à *internet* (agora também com as plataformas de *streaming*, como a *Netflix* e o próprio *Youtube*), estamos passando mais tempo assistindo aos vídeos como forma de obter informações ou entretenimento. Dado o fascínio que exercem sobre nós, os inúmeros temas e situações que abordam, bem como a facilidade com que nos são apresentados atualmente, os filmes se oferecem como uma interessante ferramenta para evidenciar a dinamicidade dos conhecimentos geográficos. Há muitos filmes nos quais os aspectos naturais do planeta são parte importante do enredo: mudanças climáticas (O Dia

Depois de Amanhã), vulcanismo (O Inferno de Dante), tectonismo (Terremoto: a Falha de San Andreas; O Impossível), florestas (diversos filmes de terror, ou mesmo os clássicos do *Tarzan*), inclinação do eixo terrestre e variação da insolação anual (Insônia, 30 Dias de Noite), entre outros. Em nosso trabalho, todavia, privilegiamos os filmes que abordam temas ligados ao que chamamos de “Geografia Humana”, tais como migrações, conflitos, grandes corporações, neocolonialismo, crises políticas e econômicas, problemas urbanos, por exemplo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante do avanço das diversas tecnologias e, principalmente, das comunicacionais, as aulas já não podem mais se limitar aos recursos do giz e do quadro-negro. O contato que os estudantes hoje têm com as mais diversas fontes de informação exige cada vez mais que os professores sejam capazes de utilizar tais fontes como recursos didáticos, mas que também possam fazer a crítica necessária sobre os limites que elas possuem. É preciso que sejam utilizadas, mas que os estudantes aprendam a encará-las de uma maneira crítica. A partir dessa perspectiva, Neves (2010) enfatiza a necessidade de utilização de recursos audiovisuais pelos professores nos dias atuais, destacando que, o ensino não teria outra saída, diante de uma tendência crescente de valorização dos estímulos visuais, “senão abordar esta questão como forma de, não só atrair os estudantes para questões contemporâneas, mas também aprofundar os processos de conhecimento crítico em relação à lógica imagética da sociedade” (NEVES, 2010, p. 5).

Entre esses recursos audiovisuais, os filmes a cada dia têm se tornado mais presente como forma de entretenimento e fonte de informações. Meio de expressão artística e instrumento de comunicação, sua utilização como meio didático-pedagógico permite “no processo educativo, uma discussão sobre valores cuja riqueza somente o cinema pode transmitir” (CAMPOS, 2006, p. 1), criando, assim, “condições para um conhecimento maior da realidade e para uma reflexão mais profunda” (idem).

Todavia, assim como qualquer outra obra cultural, os filmes não apresentam uma visão neutra a respeito do tema que abordam. É sempre o ponto de vista e as opiniões dos diretores e produtores que estão ali expressos. Portanto, é necessário também situar e relativizar a abordagem de cada obra cinematográfica. Nesse aspecto, o professor tem uma dupla tarefa: conhecer não apenas os detalhes do tema em questão, mas também as diversas ideologias que o envolvem, assim como o ponto de vista adotado pelo filme. É neste sentido

que Oliveira (2011) salienta que, da mesma forma que o cinema não é ingênuo, nosso olhar também não deve ser. Apreciar um filme implica “ler todos os seus elementos tanto reais, como os fictícios, e estabelecer e identificar temáticas também requer o exercício, a prática e a vivência com a linguagem do cinema” (OLIVEIRA, 2011, p. 5).

Dada a predominância dos filmes estadunidenses, é importante também a análise do professor para mostrar aos alunos o caráter preconceituoso e etnocêntrico com que os demais povos do mundo são muitas vezes neles representados. Nesse sentido, é valiosa a lição de Barbosa (2013) quando nos lembra de que nos enredos e cenas de filmes, tanto de ficção quanto em documentários, “diversas sociedades são expostas por meio de leituras redutoras e reprodutoras de preconceitos que variam dos mais sutis aos mais grosseiros” (BARBOSA, 2013, p.120). Essas representações contribuem para reificar as “sociedades que não partilham dos mesmos valores e objetivos da matriz ocidental” (idem).

Oliveira (2011, p. 4) também ressalta a importância do uso da linguagem cinematográfica em sala de aula, ao mesmo tempo em que demonstra preocupação. Sua preocupação aqui é, no entanto de outra ordem: “Em nenhuma hipótese se pode pensar no uso do cinema para preencher simplesmente o espaço do professor. ” Não há dúvidas de que os filmes não podem e não devem substituir a atividade intelectual do professor. Mesmo sendo uma importante ferramenta, o uso dos filmes pode ser nocivo se não acompanhado das devidas orientações de um professor atento aos riscos envolvidos.

Por outro lado, não se pode esquecer que assistir a um filme não é uma experiência passiva, pois o efeito do filme sobre cada pessoa depende de seus referenciais simbólicos, o que torna importante contribuir por meio do aprendizado da Geografia para o aperfeiçoamento de tais referenciais. Daí a necessidade de preparar os alunos previamente à exibição de um dado filme. Sobre essa relação entre espectador e a mensagem transmitida por um filme, Brum (2014, p. 5) lembra que “o processo de experiencição fílmica se constitui enquanto uma relação dinâmica em que o espectador se relaciona com o filme a partir de seus próprios referenciais simbólicos”. Desta forma, as imagens reproduzidas no filme não são observadas de modo passivo, sendo, segundo Brum (2014), reconstruída à medida que são vistas. Bezerra (2013, p. 82) faz considerações semelhantes a Brum ao sublinhar que, “por vezes, as intenções do autor do filme se misturam com a interpretação dos códigos cinematográficos por parte do espectador”.

Assim é que, a despeito da presença cada vez maior dos filmes como meio de informação sobre o mundo, a função do professor não está ultrapassada. Na verdade, ela

torna-se ainda mais importante. A esse respeito, são significativas as palavras de Alves (2014, p. 30):

(...) o professor tem uma função chave e deve estar bem capacitado seguindo alguns caminhos que permeiam pelo absoluto domínio do campo teórico-científico da ciência geográfica, passando pela reflexão pedagógica, por aspectos metodológicos e pela pesquisa para que enfim possa ter também um integral domínio do campo técnico-prático tendo assim todas as ferramentas necessárias para realizar uma satisfatória mediação didático-pedagógica entre teoria e a prática.

Além disso, ao se estudar a linguagem cinematográfica, deve-se “prestar atenção tanto no discurso falado e na sua manifestação no roteiro e no enredo, como também na música, no cenário, na cultura material implícita, enfim, em todos os elementos que compõem a linguagem do cinema” (BEZERRA, 2013, p.84). Com essas preocupações em mente, podemos utilizar os filmes como importante ferramenta para o aprendizado da Geografia, mas também oferecendo uma visão crítica sobre as ideologias que neles são apresentadas muitas vezes sob as formas as mais aparentemente inocentes possíveis. Os filmes são importantes, mas devem ser utilizados de maneira muito bem planejada.

METODOLOGIA

Propusemos no segundo semestre de 2015 a execução de um projeto de extensão, no âmbito do Instituto Federal do Mato Grosso – *campus* Primavera do Leste, denominado “Cinegeo: aprendendo geografia a partir da sétima arte”. Organizado por dois professores, contando com a participação de um estudante bolsista, e com a finalidade exclusiva de ministrar aulas contextualizadas com os filmes, o projeto direcionava-se principalmente a estudantes de ensino médio do IFMT e de outras escolas do município. Apesar disso, embora o curso não tenha sido pensado como capacitação de docentes, optamos por oferecer vagas também para professores, principalmente de escolas públicas. Com isso, nossa intenção era contribuir um pouco também para o aperfeiçoamento docente. Ao final, o curso consistiu no ensino de temas geográficos, a partir da exibição e discussão de 17 filmes. A todos os cursistas (os estudantes de ensino médio e os professores) que frequentaram pelo menos 75% dos encontros e entregaram os questionários de avaliação, foram concedidos certificados.

Sendo assim, o objetivo geral foi promover o aprendizado de temas geográficos relevantes, utilizando como recurso didático a exibição e discussão de filmes em que tais temas são abordados. Dessa forma, os estudantes puderam aprender Geografia de uma maneira mais dinâmica, lúdica e cultural. Outros objetivos foram: contribuir para a

aproximação entre o IFMT e a comunidade externa; permitir aos professores aprimorarem seus conhecimentos e aperfeiçoar diferentes estratégias didático-metodológicas.

Durante o primeiro mês, as atividades desenvolvidas foram de planejamento: seleção de temas e dos filmes a serem exibidos; metodologia a ser aplicada durante os encontros; escolha de sala a ser utilizada; teste de equipamentos de projeção; orientação ao bolsista sobre os textos a serem lidos, abordagens a serem feitas e sobre como preparar suas apresentações. Os critérios para escolha dos filmes foram: a relevância dos temas abordados, em consonância com os conteúdos didáticos obrigatórios para o ensino médio; a adequação da censura do filme à faixa etária dos participantes; a compatibilidade entre a complexidade do enredo e o repertório dos alunos. Todos os filmes foram escolhidos previamente ao início do curso e divulgados no primeiro dia de atividades.

Os meses seguintes foram dedicados à execução propriamente dita do projeto: pesquisas aprofundadas sobre cada um dos temas a serem abordados; preparação das aulas a serem ministradas antes de cada exibição; elaboração dos textos didáticos a serem entregues aos participantes; apresentações das aulas; exibições dos filmes; discussões com os participantes sobre suas impressões e opiniões sobre o que era apresentado com cada filme; coleta por escrito das opiniões dos participantes.

Assim, a cada encontro, antes da exibição do filme, os participantes recebiam o texto didático: um breve resumo crítico dos principais pontos do tema abordado pelo filme; informações técnicas e sinopse do filme; roteiro com os principais pontos do filme aos quais os estudantes deveriam estar atentos para uma melhor compreensão. Em seguida, o professor ministrava uma aula explicando o tema, bem como apresentava o filme, contextualizando-o e orientando a respeito do que deveria ser observado durante a exibição. Para explicitar melhor a metodologia e para que este artigo possa, de alguma forma, orientar o professor que deseje reproduzir a experiência, apresentamos a seguir o material entregue aos cursistas referente ao primeiro filme exibido. Para todos os filmes, foi elaborado um roteiro semelhante.

Filme: O Quarto Poder

Diretor: Costa Gavras.

Ano: 1997.

País de Produção: Estados Unidos.

Enredo: Passando por dificuldades financeiras, um museu é obrigado a dispensar um de seus dois seguranças. Na esperança de conseguir o emprego de volta, o segurança

demitido vai ao museu para tentar convencer sua chefe a recontratá-lo. O problema é que ele fora até lá armado para ameaçar a mulher, caso ela não quisesse ouvi-lo. A situação sai do controle quando os dois começam a discutir e um disparo acidental atinge o outro segurança. Tem início, então, um sequestro não planejado, pois agora o ex-segurança passa a manter a diretora do museu e um grupo de crianças como reféns. Tudo toma um rumo ainda mais complicado quando um jornalista, que, por acaso, tinha ido fazer uma reportagem televisiva sobre a crise financeira do museu e estava no banheiro no momento do disparo, decide fazer a cobertura ao vivo do evento. Com a carreira em crise, o jornalista passa a interferir nos acontecimentos a fim de se promover. A partir daí o que se vê é uma grande manipulação dos fatos criando um espetáculo midiático capaz de promover altos índices de audiência.

Por que este filme é relevante para uma análise geográfica: Assistimos nos dias atuais a um crescimento espantoso da exploração de alguns tipos de eventos violentos por parte dos diversos meios de comunicação. Embora já existam há algum tempo, hoje tem se tornado fato corriqueiro a existência de programas no rádio e na TV, bem como de jornais impressos específicos, que tratam exclusivamente de noticiar episódios criminosos. Contrariamente à ideia, implicitamente disseminada por tais programas e jornais, de que eles se limitam a mostrar a realidade, a verdade é bem outra. Eles têm uma participação ativa na produção da realidade.

A começar pelo destaque excessivo que dão a eventos episódicos. Ao insistirem na cobertura, tão intensiva e cheia de detalhes, dão a impressão aos leitores e espectadores de que se trata de uma violência disseminada por toda parte, de uma situação em que há criminosos à espreita em cada esquina. Desse modo, os meios de comunicação agem sobre as pessoas mudando seus atos e sua compreensão sobre o mundo. Assim, muitas pessoas desenvolvem preconceitos baseados apenas no que lhes é apresentado pelos meios jornalísticos e mudam muito de seus comportamentos em relação uns aos outros. Situações corriqueiras transformam-se em motivo para as mais diversas suspeitas e desconfianças. As reações tornam-se desproporcionais, violentas e, na maioria dos casos, injustificáveis.

Por outro lado, a exploração jornalística de violência estimula o desenvolvimento de um sentimento de insegurança que muda também a relação das pessoas com os diversos lugares em que realizam suas atividades. Lugares públicos passam a ser evitados e como que é instituído um toque de recolher que impede os

indivíduos de saírem de suas casas em certos horários. Mesmo nos momentos em que se sentem mais seguras para andar nas ruas, o passo apressado e a tensão de chegarem depressa a seus destinos impedem as pessoas de contemplarem as paisagens e de aprofundarem vínculos afetivos com os lugares.

O medo produzido pelos meios de comunicação também participa da constituição do espaço geográfico, uma vez que tem sido cada vez mais frequente a produção de paisagens que expressam a insegurança das pessoas mesmo quando em suas residências. Altos muros, cercas eletrificadas, câmeras de vigilância, alarmes e toda uma série de outros aparatos técnicos já são comuns até mesmo nas cidades pequenas, onde há até algum tempo acreditava-se não haver problemas de segurança. O recurso ao automóvel como transporte individual resulta também do sentimento de insegurança (os carros blindados mais ainda). Daí, resultam as demandas por avenidas mais largas, autopistas etc. Também o poder público se curva diante dos apelos midiáticos e responde transformando as ruas, praças e parques das cidades em lugares da vigilância: câmeras de vigilância e policiais começam a fazer parte dos cartões-postais. Segurança torna-se tão importante quanto saúde e educação entre as demandas da sociedade. Quem pode pagar por ela recorre a cada novo aparato inventado, restando àqueles que não dispõem de recursos ficar à mercê da sorte.

A análise do filme nos leva justamente a buscar compreender o que está por trás das intenções declaradas pelos programas jornalísticos. O filme mostra uma parte dos mecanismos que movem a mídia, dando destaque para a audiência e para a importância de certas reportagens para as carreiras dos jornalistas. Além disso, de maneira bastante incisiva revela como a opinião pública pode ser manipulada de acordo com os diversos pontos de vista que podem ser utilizados para abordar um mesmo fato. No fim, mais importante que a realidade dos fatos é a interpretação que os meios de comunicação querem que a população tenha a respeito.

Os meios de comunicação estão muito longe de serem neutros. Seus interesses de classe, e os interesses dos patrocinadores significam muito (dinheiro principalmente) para que possam ser negligenciados em nome da verdade dos fatos. O que importa é a audiência, pois ela significa lucros. No caso dos programas que exploram a violência, interesses específicos estão envolvidos. Em primeiro lugar, assegurar a legitimidade de um Estado policial e penal que perseguirá principalmente os pequenos ladrões, protegendo assim principalmente a propriedade dos ricos e

poderosos. Não existe polícia intensiva e violenta contra os crimes financeiros, ambientais, sociais etc. cometidos pelas grandes empresas. A ideologia desses programas legitima a sociedade capitalista expropriadora e exploradora das grandes massas de pobres. Esta intenção é, todavia, mais implícita.

Mais explícitos são os ganhos das redes de TV, de rádio e os jornais com o patrocínio das empresas de aparatos de segurança (alarmes, cercas, câmeras etc.) e das responsáveis pelas construções de presídios, por exemplo. Tais empresas lucram muito com o crescimento da insegurança e com o aumento da repressão via polícia e presídios.

Há muitos lucros envolvidos, o que faz com que a questão da segurança se transforme num grande negócio. Um grande negócio em que a maior parte da população sai perdendo e alguns poucos ganham muito com uma situação de disseminação do medo e de punição dos pobres. Nesse sentido, não há porque acreditar na neutralidade dos meios de comunicação. Estes são apenas uma engrenagem no grande negócio do controle do crime. Também não há porque acreditar que soluções verdadeiras para o problema sejam propostas por tais empresários, uma vez que tal estado de coisas gera-lhes lucros incomensuráveis. A depender deles, só haverá mais medo e insegurança, pois é isso que lhes enche os cofres. Enquanto o poder da mídia não for contestado, veremos crescer ainda mais o número de pessoas se escondendo atrás de muros e cercas e pedindo mais polícia e severidade das penas. Ingenuamente, elas estarão colocando mais dinheiro nos bolsos de alguns indivíduos inescrupulosos.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CASTRO, Lola Aniyar de. *Criminologia da libertação*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

FILME: O QUARTO PODER

PONTOS IMPORTANTES A OBSERVAR:

1. O motivo que deu início aos eventos.
2. O momento em que o jornalista leva o ex-segurança até uma janela e fala da opinião pública.
3. O modo como o ex-segurança é instruído a contar sua história e também as diferenças entre as duas montagens feitas a partir dos depoimentos de seus familiares.
4. O momento em que alguém diz que o sequestrador pertence à emissora.
5. A evolução que se dá com a estagiária de jornalismo ao longo do filme.

AValiação: GOSTEI MUITO () GOSTEI () NÃO GOSTEI ()

SUGESTÕES: _____

Ao final de cada exibição, havia um debate com algumas questões a respeito do filme (se gostaram do filme, se o compreenderam, se acharam relevante, se conseguiram identificar os pontos aos quais deveriam estar atentos de acordo com o roteiro entregue no início, quais eram suas críticas e sugestões). Todas essas questões orientavam o debate e este, por sua vez, fornecia subsídios para que o professor pudesse avaliar a participação e o aprendizado dos cursistas. A resposta às questões, a participação nos debates e a assiduidade foram utilizadas como critérios avaliativos do curso.

A seguir, apresentamos a lista dos filmes apresentados ao longo do curso, com os respectivos temas debatidos:

Filme	Ano	Diretor	Principal temática abordada
O Quarto Poder	1997	Costa-Gavras	Influência da mídia na formação da opinião pública.
Zona do Crime	2007	Rodrigo Plá	Autossegregação espacial por meio dos condomínios fechados, com suas causas e consequências.
Tropa de Elite	2007	José Padilha	Políticas de combate às drogas e de policiamento.
Tempos Modernos	1936	Charles Chaplin	Fordismo e a alienação do trabalho.
Doutor Fantástico	1964	Stanley Kubrick	Guerra Fria e a ameaça de uma guerra nuclear.
Diários de Motocicleta	2004	Walter Salles	Pobreza na América do Sul dos anos 1950 e a formação do revolucionário Che Guevara.
Machuca	2005	Andrés Wood	Ditadura chilena dos anos 1970
Rambo III	1988	Peter MacDonald	Ocupação do Afeganistão pelos soviéticos nos anos 1980.
O Último Rei da Escócia	2007	Kevin MacDonald	Ditadura de Idi Amin em Uganda nos anos 1970.
Hotel Ruanda	2005	Terry George	Conflito étnico entre tutsis e hutus em Ruanda nos anos 1990.
Nação Fast Food	2007	Richard Linklater	Problemas causados pelas grandes redes de venda de hambúrgueres nos Estados Unidos na atualidade.
Coisas Belas e Sujas	2002	Stephen Frears	Condições de vida dos imigrantes pobres na Europa nos dias de hoje.
A Onda	2009	Dennis Gansel	Regimes autocráticos, com destaque para o nazismo.
O Jardineiro Fiel	2005	Fernando Meirelles	Atuação de transnacionais farmacêuticas no continente africano.
O Senhor das Armas	2005	Andrew Niccol	Tráfico mundial de armamentos.
Paradise Now	2006	Hany Abu-Assad	Conflito entre Israel e Palestina e o terrorismo.
Obrigado por Fumar	2006	Jason Reitman	Problemas causados pela indústria do cigarro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões realizadas e os relatos escritos dos cursistas demonstraram uma boa receptividade em relação ao nosso projeto de extensão, seja pelos alunos que expressaram um aumento significativo em seus conhecimentos sobre questões atuais, seja pelos professores que relataram ter assimilado novas práticas didáticas. A ideia sempre foi conciliar o aprendizado de questões do mundo atual com uma atividade lúdica e reflexiva que é assistir a filmes. Neste sentido, acreditamos ter alcançado o objetivo, pois, além dos relatos dos estudantes sobre o que mudou em suas visões de mundo após o curso, pudemos perceber que os encontros semanais tornaram-se também um evento social para os jovens. As exhibições eram oportunidades de, no ambiente escolar, reunir os colegas numa atividade de diversão. As avaliações dos participantes – quanto a terem gostado ou não dos filmes – confirmam isso (Tabela 1).

Tabela 1 - Opinião dos cursistas quanto aos filmes

Filme	Opinião		
	Gostei Muito	Gostei	Não Gostei
O quarto poder	10	0	0
Zona do crime	8	9	0
Tropa de elite	10	13	0
Tempos modernos	17	4	0
Doutor Fantástico	9	12	4
Diários de motocicleta	16	2	0
Machuca	19	4	1
Rambo III	10	11	0
O último rei da Escócia	11	8	1
Hotel Ruanda	13	4	0
Nação <i>Fast Food</i>	7	14	1
Coisas belas e sujas	14	5	0
A Onda	12	4	0
O jardineiro fiel	12	7	0
O senhor das armas	9	4	0
<i>Paradise now</i>	5	11	0
Obrigado por fumar	9	2	1

Fonte: Dados dos autores.

Encontramos algumas dificuldades que merecem destaque, sendo representativas de algumas das questões discutidas na fundamentação teórica. Acreditamos, todavia, que essas dificuldades contribuem para o aperfeiçoamento do projeto para experiências futuras. O maior

problema decorre, por exemplo, de que a escolha dos filmes a trabalhar poderia ter partido de uma escolha prévia dos temas que iríamos discutir. Todavia, fizemos o contrário: escolhemos filmes relativamente conhecidos que se enquadrassem nos critérios que mencionamos anteriormente e que abordassem questões sociais relevantes. A partir dos filmes, fomos pesquisar os temas. Essa opção acabou tornando a pesquisa necessária para alguns filmes bastante trabalhosa. Assim, ao longo do curso, demos conta da complexidade de certos detalhes históricos envolvidos. Filmes como “Machuca”, “O Último Rei da Escócia” e “Hotel Ruanda” são exemplos disso. Eles exigiram uma pesquisa intensa e uma organização de dados mais bem elaborada para dar conta de sintetizar na apresentação o contexto dos acontecimentos apresentados nos filmes.

Outros temas apresentavam um elevado grau de complexidade por envolver nuances que seriam mais bem reveladas se discutidas também por um professor de sociologia ou de filosofia, ou com ambos num projeto interdisciplinar. Estes foram os casos, por exemplo, de filmes como “A Onda” e “*Paradise now*”, que tratam de regimes autocráticos e do terrorismo, respectivamente. Esses filmes tratavam de temas que extrapolavam muito uma discussão apenas geográfica, o que limitou os resultados. “*Paradise now*” causou certo estranhamento no público justamente por tratar o terrorismo de outra perspectiva: a do terrorista. Nesse sentido, uma discussão mais densa talvez tivesse promovido uma melhor compreensão do filme.

Outro grande problema enfrentado esteve relacionado à aparente dificuldade de muitos cursistas em compreender determinadas nuances da linguagem cinematográfica com as quais eles não estavam habituados¹. Enquanto arte, o cinema é muito rico e apresenta uma grande diversidade de recursos utilizados diferentemente pelos vários diretores. Ao apresentarmos algumas obras com formatos muito diferentes dos filmes comumente chamados de *blockbusters*, algumas pessoas pareceram ter tido dificuldades para apreciar a “novidade”. Assim é que filmes como “Zona do crime” e “Doutor Fantástico” tiveram menos pessoas dizendo que gostaram muito e algumas mesmo dizendo que não gostaram.

Por outro lado, uma aparente afinidade com filmes de enredo mais simples pode causar outros problemas de interpretação. Foi o caso da exibição de “Rambo III”, quando tentamos mostrar criticamente como a abordagem do filme era parcial e reducionista, não apresentando todo o contexto do problema vivido pelo Afeganistão naquele período. Apesar

¹ Esta é, entretanto, uma hipótese que levantamos para ser melhor testada e comprovada em trabalhos futuros com recursos mais direcionados para este objetivo específico.

da discussão que apresentamos, houve ao final do filme quem escrevesse nos comentários que gostou do filme porque o Rambo foi o herói que salvou a todos (tabela 2). O relato é emblemático por revelar o potencial do cinema para a disseminação de ideias. Algumas ideias podem mesmo ser interpretadas pelo espectador de maneira totalmente oposta à intenção de quem produziu o filme. É o que ocorreu, por exemplo, com o filme “Tropa de Elite” à época de seu lançamento. O objetivo dos realizadores era discutir criticamente a questão do combate às drogas e da repressão policial, mas o resultado foi que os policiais do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Rio de Janeiro acabaram alçados, pela mídia e pela população em geral, à condição de heróis nacionais. Em nossa discussão, conseguimos, felizmente, evidenciar essa contradição e muitos cursistas perceberam o caráter perverso da tortura policial, por exemplo. A tabela 2 exemplifica algumas das opiniões registradas pelos participantes do curso e revela alguns dos resultados alcançados.

Tabela 2 - Alguns comentários dos cursistas sobre os filmes

Filme	Comentário
O Quarto Poder	"Após assistir ao filme, eu pude notar o quanto a mídia pode ser manipuladora e estar sempre tentando nos influenciar na forma de pensar."
Zona do Crime	"Um pai estar tão preocupado com a vida dele, de como ele vive, e chegar ao ponto de não saber o que dirá a seu filho quando perguntar porque eles vivem assim."
Tropa de Elite	"Os polícia do BOPE quando queria descobrir alguma coisa torturava as pessoas (sic)."
Tempos Modernos	"O filme retrata a importância da Revolução Industrial para o capitalismo, por outro lado a exploração e o prejuízo social."
Doutor Fantástico	"Não tenho ideia do filme. Mas uma grande sugestão seria a minissérie do <i>History Channel</i> 'Guerras Mundiais'."
Diários de Motocicleta	"O filme (...) nos leva a uma atenção maior aos costumes, culturas, países, mas para os personagens a igualdade, a humanidade presente neles, nos levam a uma maior reflexão."
Machuca	"Machuca retrata com sucesso a perversidade da ditadura chilena."
Rambo III	"O filme mostra que Rambo é guerreiro para salvar o povo e o coronel."
O Último Rei da Escócia	"Ótimo filme, mas caricato."
Hotel Ruanda	"Um filme que faz você parar e pensar em que mundo vivemos."
Nação <i>Fast Food</i>	"O filme nos passou uma visão diferente sobre o alimento que ingerimos 'cegamente' em nossos dias."
Coisas Belas e Sujas	"O filme retrata e mostra a realidade, apesar de ter cenas fortes, mas que mostram o que acontece e nos faz pensar em quantas pessoas morrem ou ficam sem órgãos só para obter um passaporte (...)."
A Onda	"É um ótimo filme para se discutir modelos de sociedade que favoreçam a todos e que tenha um período extenso de aceitação e correto funcionamento."
O Jardineiro Fiel	"O filme nos mostra que a melhor maneira de enriquecer é explorar pessoas que possuem pouco conhecimento ou cultura."
O Senhor das Armas	"Tratou de um tema que nos dias atuais se mostra cada vez mais."
<i>Paradise Now</i>	"Estranho a forma de pensarem."

Obrigado por fumar | "O filme faz uma boa reflexão sobre o que está certo ou o que achamos que está certo porque alguém me diz que está certo."

Fonte: Dados dos autores.

Quanto à avaliação do curso como um todo pelos participantes, aplicamos um questionário final para receber suas opiniões e sugestões. Recebemos críticas construtivas (principalmente em termos de melhor adequação de tempo entre a exposição do professor, da exibição do filme e do debate posterior) e o relato de um dos participantes resume bem a opinião geral:

Após a discussão dos assuntos abordados, fui capaz de perceber que antes eu tinha opiniões sobre determinados assuntos antes de ter pesquisado sobre tais. Com as informações apresentadas nos filmes, nas explicações e pesquisando, pude observar que nem tudo parece ser como é. Devemos sempre avaliar os assuntos de todos os ângulos possíveis e mudei minha opinião em muitos aspectos.

A experiência nos leva a crer que a utilização de filmes como recurso didático é, ao mesmo tempo, uma ferramenta muito poderosa e também um grande desafio. Exige um enorme trabalho de pesquisa não apenas em Geografia, mas também em outras disciplinas, em linguagem cinematográfica e nos detalhes específicos do filme a ser trabalhado. É uma tarefa árdua que pode render bons frutos em termos de consolidação e construção de conhecimentos, mas que muitas vezes nos obriga a utilizar o recurso para realizar uma desconstrução de preconceitos introduzidos nas pessoas pelos próprios filmes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto esteve organizado de maneira a atender às necessidades institucionais de realização de atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. No que diz respeito ao ensino, foi uma maneira de oferecer outras possibilidades para as aulas de Geografia. Além disso, representou uma oportunidade de aumentar, para aqueles que tiveram interesse, os conhecimentos a respeito dos temas discutidos pela disciplina. Para os professores que ministraram o curso, o projeto representou uma oportunidade ampliada de pesquisa: não apenas sobre os temas das aulas, mas também sobre a efetividade de estratégias didáticas alternativas. Como atividade de extensão, foi uma aproximação entre o IFMT e a comunidade local, assim como uma oportunidade de enriquecimento artístico e cultural.

De uma maneira geral, o projeto foi uma experiência exitosa que mostrou as possibilidades oferecidas pelo cinema enquanto contribuição para as aulas de Geografia. O

aprendizado não foi somente em relação ao uso de filmes em sala de aula, mas também quanto à necessidade de estudarmos sempre mais para aperfeiçoar o uso de diferentes recursos didáticos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gabriel Araújo. *Os filmes como recurso didático para o ensino de Geografia no ensino fundamental II: reflexões e ensaio de aplicação*. (Monografia). Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani (org.). *A geografia na sala de aula*. 9ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

BEZERRA, Douglas Bento. *Geografia e cinema: as espacialidades de Brasília e as suas representações nos filmes **Insolação** e **A Concepção***. (Monografia). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

BRUM, Jean Lucas da Silva. “Geografia e cinema: os significados da mobilidade nos *road movies*”. In: *Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Vitória: agosto de 2014.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. Cinema, Geografia e sala de aula. In: *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 4(1): 1 - 22, Junho – 2006.

MOREIRA, Tiago de Almeida. Geografias audiovisuais: para além das geografias de cinema. In: *GeoTextos*, vol. 7, n. 2, dez. 2011.

NEVES, Alexandre Aldo. Geografias de cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico. In: *Entre-Lugar*, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 133-156, 1º semestre de 2010.

OLIVEIRA, Denis Raimundo de. “O uso do cinema nas aulas de Geografia: proposta de estudo da região nordeste”. (Monografia). Jijoca de Jericoacara – CE: Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale do Acaraú, 2011.